

## Protagonismo juvenil na elaboração de um livro de história em quadrinhos

Nome: Luíza Rabelo Parreira

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais

Titulação: Licenciada em História e Graduada em Bacharelado

Biografia: Possui experiência em leitura paleográfica, ensino básico e na área de História, com ênfase em Arte e Cultura.

E-mail: luizarabeloparreira@hotmail.com

Nome: Moacir Fagundes de Freitas

Instituição: Escola Municipal Anne Frank

Titulação: Bacharelado em Museologia pela E. C. I./UFMG.

Licenciatura em História pela FAFICH/UFMG.

Especialização em Docência da Educação Básica - Juventude e Escola – pela FAE/UFMG.

Biografia: É professor da Educação Básica da rede pública de ensino desde 1997 e atualmente trabalha com os anos finais do Ensino Fundamental.

E-mail: freitasmocir13@gmail.com

Resumo: O presente trabalho visa discorrer acerca do projeto “Entre o diário de Anne Frank e a história em quadrinhos: estudantes construindo a história de um bairro”, que viabilizou aos estudantes do 7º Ano da Escola Municipal Anne Frank e à sua comunidade condições de pesquisar, conhecer, criticar, construir e comunicar a história do bairro Confisco (Belo Horizonte/Contagem). Utilizando-se da metodologia da história oral, da pesquisa de opinião no bairro, da leitura crítica do diário de Anne Frank, da análise de imagens, da construção de uma narrativa em quadrinhos e de exposição fotográfica, o projeto teve como objetivo principal possibilitar o desenvolvimento do protagonismo juvenil, promovendo uma experiência pedagógica fundada no conceito do educando como sujeito da construção do próprio conhecimento. Através do estabelecimento de uma relação entre a escola, a comunidade, a universidade e o Diário de Anne Frank, pretendemos promover a afirmação da memória social e da identidade da comunidade. Além da adolescência, Anne e os estudantes do Confisco têm em comum o desafio de escrever e contar a própria história. Sendo assim, a produção e leitura da revista de história em quadrinhos produzida pelos jovens, gera um processo de inclusão cultural não só do corpo escolar, mas de toda a comunidade.

Palavras-chave: História em Quadrinhos, História Local, Protagonismo juvenil.

Abstract: The present work aims to discuss the project "Between the Anne Frank diary and the comic book: students building the history of a neighborhood", which enabled the students of the 7th Year of the Anne Frank Municipal School and its community to search, to know, to criticize, to construct and to communicate the history of the neighborhood Confisco (Belo Horizonte / Contagem). Using the methodology of oral history, neighborhood opinion research, critical reading of the Anne Frank diary, image analysis, the construction of a comic book narrative and a photographic exhibition, the main objective of the project was to make possible the development of youth

protagonism, promoting a pedagogical experience based on the concept of the learner as subject of the construction of own knowledge. Through the establishment of a relationship between the school, the community, the university and the Diary of Anne Frank, we intend to promote the affirmation of social memory and the identity of the community. In addition to adolescence, Anne and the students of Confisco have in common the challenge of writing and telling their own story. Thus, the production and reading of the comic book magazine produced by young people, generates a process of cultural inclusion not only of the school body, but of the whole community.

Keywords: History, Local History, Juvenile protagonism.

## Introdução

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura da desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente (Freire, 1989, p. 09)<sup>1</sup>.

... dizer a palavra é fazer história e por ela ser feito e refeito. (Fábio da Purificação Bastos, Dicionário Paulo Freire, 2017, p. 128)<sup>2</sup>.

Pesquisas mais recentes têm tentado desconstruir a percepção de um discente meramente receptor de conteúdos e de um professor que seria tão somente um vulgarizador dos conhecimentos produzidos na Academia. Nesse sentido, a relação entre educando e educador perpassa a discussão entre conhecimento acadêmico e escolar, além da postura dos alunos entre passivos e ativos. Segundo Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou sua construção”. Colocar o estudante na posição do protagonista do processo de aprendizagem é um grande desafio, já que a educação do país privilegia um modelo de “educação bancária”, que deposita o conteúdo nos estudantes, ao invés de fazê-los pensar criticamente.

A Escola Municipal Anne Frank, localizada Bairro Confisco, em Belo Horizonte, se propõe a desenvolver uma pedagogia que foge a esse modelo, valorizando os saberes dos estudantes. Esse bairro, que faz divisa com o município de Contagem, se encontra em situação de alta vulnerabilidade social,<sup>3</sup> e pertence à regional Pampulha, tendo como vizinhos os bairros Estrela D’álva (em Contagem), Sarandi, Urca e Vila Mariana. Entre o bairro e a lagoa da Pampulha está a Fundação Zoobotânica. De acordo com o

---

<sup>1</sup> FREIRE, Paulo. A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23ª ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção: Polêmicas do nosso tempo; 4)

<sup>2</sup> Bastos, Fábio da purificação. In: Dicionário Paulo Freire: Verbetes "Dizer a Palavra"; Steck, D., Redin, E, Zitkoski, J. J. (orgs.). 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

<sup>3</sup> GOMES, Mônica Araújo; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 357-363, Apr. 2005.

Diagnóstico da Regional Pampulha, comparado às outras localidades da Regional Pampulha, o Confisco é uma das que mais se destacam pelo grau de miserabilidade.

Estar na fronteira entre as cidades de Belo Horizonte e Contagem configura um dificultador no diálogo entre a comunidade e o poder público, conforme apontam as fontes. De acordo com o projeto político pedagógico da escola:

pertencer às duas cidades, na maioria das vezes, pode significar não pertencer a nenhuma, o que traz inúmeros problemas cotidianos aos moradores da região. A Escola fica em uma área limítrofe entre os municípios de Belo Horizonte e Contagem, sendo que a maioria dos nossos alunos mora em Contagem. Muitas são as consequências de se “viver no limite”: o posto de saúde mais próximo não atende aos moradores de Contagem; o Conselho Tutelar restringe o seu atendimento à uma área de jurisdição, seguindo um mapa que delimita as ruas de abrangência no município de Belo Horizonte, acontecendo o mesmo com todos os programas de atendimento à criança e ao adolescente.

Nesse cenário, a Escola Municipal Anne Frank constitui um espaço expressivo de atuação política da comunidade, e, desde o começo, pode ser compreendida como um lugar de acolhimento e articulação dos agentes e movimentos de transformação da população local. Quando o bairro surgiu, a escola foi um dos primeiros lugares a ser edificado, em 1991. Maria das Graças Ferreira, atual líder comunitária do bairro, esteve presente desde a ocupação do bairro e ainda reside no Confisco. Além de moradora, ela foi estudante da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal Anne Frank, sendo bastante atuante no contexto escolar e comunitário. Um de seus desejos era que a história do bairro Confisco fosse escrita em uma revista em quadrinhos.

A escola, por sua vez, sempre se preocupou em desenvolver iniciativas que tratassem de temas que abordem a memória da comunidade, visando contribuir para a formação/afirmação da identidade de seus alunos e moradores, como mostra o projeto político pedagógico:

A história da escola é marcada, desde a sua fundação, por essa luta da comunidade pela garantia dos direitos básicos de cidadania e de inclusão social. Desde o registro do seu Projeto Político-Pedagógico em 1993, está apontada a direção para a construção de uma escola pública para todos: “É preciso considerar, no processo de transformação da escola atual em uma escola popular, o saber trazido pelos alunos das classes populares. Para tal, a escola deve se organizar para atender a todos os alunos, vendo-os e aceitando-os com suas possibilidades e limitações. (PPP, 1993)

Sendo assim, iniciativas como entrevistas com moradores, peças de teatro, vídeos e outras ações, foram precursoras na possibilidade de uma maior narrativa da história do Confisco. Nesse contexto, durante as aulas de História, foi detectado um preocupante problema de identidade entre os estudantes e, por conseguinte, de autoestima. Vigorava entre eles uma enorme rejeição ao bairro Confisco. Algo precisava ser feito e foi aí que surgiu, no início de 2016, o projeto “Entre o diário de Anne Frank e a história em quadrinhos: estudantes construindo a história de um bairro.” O projeto foi realizado com

três turmas de sétimo ano, contendo em média 30 alunos cada uma. Ressalta-se que o apoio da comunidade e do corpo escolar foi imprescindível para dar corpo e voz a essa história.

### **Referencial teórico**

No desenvolvimento do processo de construção da História em Quadrinhos do bairro Confisco algumas fontes foram consideradas bússolas que nortearam o caminho; tanto em relação à concepção pedagógica do processo, como em relação à metodologia e às técnicas utilizadas. A começar pela utilização do Diário de Anne Frank como referência. A leitura desta obra tornou-se praticamente uma prática instituída, visto que essa adolescente nomeia a escola que irradiou o projeto. O diário da menina judia configura-se como uma narrativa viva no cotidiano da escola, perpassando as práticas de leitura dos/das estudantes, bem como ideário de direitos humanos, fundamentais na construção do currículo. Houve uma intencionalidade de que os/as estudantes se colocassem no lugar de Anne a partir da construção e escrita de sua história através da história do bairro onde vivem. Tal qual Anne, os estudantes tornaram-se autoras/es-narradoras/es. A leitura do diário era a âncora que os conectava ao mundo palpável da história local, atualizando e significando o ato de narrar: possibilitando-lhas/es o trânsito - e a metamorfose - entre a leitura e a escrita, o leitor e o narrador, autor e personagem.

Outra postura adotada foi a valorização da ideia de história regional/local em contraposição à história universal. A adoção de tal perspectiva compreendeu a análise de textos de Moreira (2017) que assegurava - a partir de estudos de Malerba (2002), Gonçalves (2007), Briceño (2007) e Ribeiro da Silva (1999) - a validade e importância dessa história na construção da identidade e, por que não dizer, da memória. A construção das identidades, do sentimento de pertencimento e a possibilidades de outras histórias, e, por conseguinte, de outros mundos podem tornar-se possíveis pela perspectiva da história regional. Senão, vejamos o que nos diz Moreira (2017):

"... o ensino da História Regional deve contribuir para a formação de uma identidade que valorize as experiências vivenciadas pelos alunos e que faça com que estes reconheçam-se como agentes sociais de um mundo que pode ser transformado – tornando-se, portanto, cidadãos."

E ainda,

"A História Regional permite trazer "novos atores" para o campo da História. Alguns personagens que, quando muito, eram secundários ou que tradicionalmente eram totalmente 'negligenciados' pela História tradicional, podem, a partir do prisma da História Regional, ser incluídos no processo histórico..."

Portanto, no projeto da história do bairro Confisco, pautou-se pela pesquisa, pela leitura e pela escrita de uma outra história, para que através desses atos, estudantes pudessem aparecer ao mundo como autores e cidadãos construtores de sua história e seu conhecimento.

Nesse processo, o referencial utilizado com maior intensidade foi o pensamento de Paulo Freire, seja a partir de algumas de suas obras, seja a partir de estudiosos seus cujas análises encontram-se no Dicionário Paulo Freire, em sua 3ª edição, pela Autêntica, em 2017. Assim sendo, conceitos como "Ad-mirar", "Texto/Contexto", "Palavramundo", "Leitura do Mundo", "Mediação", "Amorosidade", "Presença no Mundo", "História", "Dizer sua Palavra", "Diálogo" e tantos outros estiveram em permanente consonância com o projeto desenvolvido.

Percebeu-se, no decorrer do projeto História do Bairro Confisco, que as/os estudantes realizaram o exercício de analisar seu objeto de estudo, que era a história do seu próprio território. Entretanto, para que isso acontecesse fez-se necessário certo distanciamento de si e também daquilo que conheciam como seu bairro. Para que enxergassem o que lhes era externo - o não-eu - operou-se a ação Ad-mirar, conceituada por Freire, como "Ad-mirar é objetivar um não-eu. (...) Ad-mirar implica por-se em face do não-eu curiosamente, para compreendê-lo. (Freire apud Escobar In.: Dicionário Paulo Freire, 2017, p. 25)". A partir desta postura - de ad-mirar para conhecer - torna-se possível um confronto entre o pensamento anterior que as/os estudantes tinham do seu bairro e o novo pensamento, a nova imagem que, devido ao processo do conhecer, está sendo gestada por educandos e educadores. Conhecer a história do bairro passa a ter enorme significado, a "molhar-se de história", passa a ser primordial para aquelas/es adolescentes. Instaura-se uma relação dialética entre a imagem/conceito que sempre e inexoravelmente "me" apresentaram - que "recebi" pronta, pensada por outrem - e aquela que agora "tenho" nas mãos. Segundo Miguel Escobar, responsável, no citado dicionário, pelo verbete Ad-mirar,

"Ao ad-mirar o conhecimento que se tem de um determinado objeto de estudo, localizado no contexto da prática, pode-se analisar a percepção que se tem da realidade. O sujeito pensante, (...) ao ad-mirar pode tomar distância de sua percepção e conhecer o porquê dela, por exemplo, a ideologia que esconde a realidade e anestesia a consciência. Assim, ele poderá realizar uma análise crítica da percepção anterior para obter um conhecimento novo, uma percepção crítica". (p. 25).

Isto faz com que as/os estudantes envolvidos no projeto tomem as rédeas da construção do seu conhecimento. Nessa tarefa audaz, os muros da escola são simbolicamente quebrados, transformando território onde habitam em espaço de aprendizagem, de conhecimento: a rua torna-se o palco de escrita e de vivência da história - antes aprisionada em encadernações eurocêntricas -; pessoas tornam-se livros, fontes de saber, tudo em uma aventura real de protagonistas buscando a construção do conhecimento.

Isto implica estar presente no mundo - a história em cada esquina - a ad-mirar o artefato com o qual se molda um novo conhecimento. O sentido dessa presença no mundo para as/os estudantes possibilita dois tipos de transformação que se dá em mão-dupla: conhecer o mundo para conhecer-se. Essas/es estudantes apropriam-se do direito - que cabe à todos - de se tornarem, concomitantemente, narradores e personagens, contadores de uma história na qual atuam, posto que em contraposição a um pensamento formatado, pensado e oferecido por outrem como natural, normal, inexorável; podem, agora erguer nas mãos as histórias que acabam de construir. Para tanto, é preciso saber-se presente no mundo, bem como saber das incumbências e consequências dessa

postura... Postura de "presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe (Freire,1997, p. 20) ". Que rompe para transformar a realidade que não se lhe mostra justa, que lhe desumaniza, a ponto roubar-lhe a história, condenando a repetir histórias que não as suas.

Por isso, pode-se dizer que a transformação objetivada com o desenvolvimento do projeto, é dupla: da pessoa que se transforma para transformar o mundo, o bairro. E assim, muda-se o status de presença no mundo, pois "a consciência do mundo e de mim me fazem um ser não apenas no mundo, mas *com* o mundo e *com* os outros, Um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar (Freire, 2000a, p. 40)".

## **Objetivos**

O trabalho tem o objetivo de conhecer, fazer o aluno se reconhecer, atribuir valores e também criar um sentimento de pertencimento a um grupo e a um lugar. A ideia de trazer à tona a história seria a oportunidade de conhecer essa história para enxergá-la com um olhar novo, sob uma nova perspectiva, podendo construir um sentido para ela, fortalecendo-a.

O projeto tinha como objetivo geral possibilitar aos estudantes da Escola Municipal Anne Frank e à sua comunidade, condições de pesquisar, criticar, construir, conhecer e comunicar a história do bairro Confisco. Porém, antes de criar as personagens, os desenhos, o roteiro, era preciso conhecer a história que se pretendia contar através dos quadrinhos. Aliás, as histórias, em suas várias versões. Para tanto, estudantes tornaram-se pesquisadores, historiadores, quadrinistas, entrevistadores, fotógrafos, etc.

Entre os objetivos específicos do projeto estavam: divulgar o ideário e a obra de Anne Frank; possibilitar o conhecimento e a difusão dos Direitos Humanos através do estabelecimento de uma relação entre a escola, a comunidade e o livro *Diário de Anne Frank*; possibilitar o desenvolvimento do protagonismo juvenil e promover um experiência pedagógica fundada no conceito do educando como sujeito da construção do próprio conhecimento; estimular o desenvolvimento da leitura, da escrita, do trabalho em equipe; possibilitar o conhecimento e construção da história do bairro Confisco, contribuindo para a afirmação da memória social e da identidade; permitir aos estudantes situações de reflexão e de ação na construção de uma sociedade mais igualitária, combatendo todo tipo de desigualdade, de inferiorização, de exclusão, preconceito, sexismo, homofobia, racismo e pensamentos totalitários

## **Metodologia**

A metodologia preponderante no projeto foi a História Oral. Estudantes saíram a campo para coletar junto à comunidade nomes de pessoas fundadoras do bairro que passaram a ser fontes em potencial. A essas pessoas deu-se o nome/conceito de "Pessoas-Livro", forma encontrada de mediar o aprendizado do significado de "fonte" pelas/os estudantes. Identificadas, essas pessoas foram entrevistadas, configurando assim a utilização da História Oral com método de nossa pesquisa. Convergindo para a definição de proposta por Alberti (2004)

"... a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de aproximar do objeto de estudo" (p.18).

Dessa forma, as entrevistas realizadas atingiram o status de documento, mas não um documento que retrata o passado como foi, e sim um documento no qual importava a visão de mundo daquela pessoa que contava sua história. Assim, estudantes tornaram, concomitantemente, leitores (porque liam a visão de mundo/bairro daquelas Pessoas-Livro) e escritores (porque de sua interpretação, construíram uma outra versão a partir daquela que lhes fora narrada).

"... as duas partes (entrevistado e entrevistadores) constroem, num momento sincrônico de suas vidas, uma abordagem sobre o passado, condicionada pela relação de entrevistas, que se estabelece em função das peculiaridades de cada uma delas". (p. 23).

Assim sendo, estudantes da Escola Anne Frank puderam compreender a história do seu bairro, do seu mundo a partir das pessoas que nele vivem. E, dessa forma, conhecerem a si e o outro - condição primeira para o estabelecimento de identidades e do reconhecimento da alteridade.

## **Desenvolvimento**

O grande desafio do projeto era registrar e contar essa história, que está em constante construção. Por onde começar? Nada mais apropriado que mirar na adolescente que nomeia a Escola. Além da adolescência, algumas similitudes ligam, no tempo e no espaço, o diário de Anne Frank à História em Quadrinhos do Confisco, e Anne aos estudantes. As minuciosas referências de Anne à sua escola, aos professores, aos colegas de turma, poderiam ter saído dos estudantes do Confisco. Nos dois casos, mesmo que os comentários não sejam tão otimistas, deixam escapar a importância da escola em suas vidas. Se para Anne, naquelas circunstâncias, "Escrever um diário é uma experiência estranha...", para os adolescentes do Confisco escrever uma HQ, senão estranha, é minimamente uma tarefa inusitada, ousada. Entretanto, outra linha liga Anne e seu diário ao Confisco: a situação de exclusão e opressão que os moradores do bairro vivem.

A primeira aula do projeto foi realizada ao ar livre, na arquibancada da escola. Foram expostas duas maquetes pertencentes à escola, que foram feitas em outra ocasião. Uma era do bairro e outra da escola. Os estudantes ficaram fascinados e iam com o dedo tentando localizar suas casas e outras referências do bairro, como o campo de futebol, a nascente do rio, etc. A partir daí, a motivação desencadeou-se com a instauração da pergunta: - Alguém sabe por que nosso bairro se chama Confisco?

Algumas hipóteses foram levantadas pelos estudantes, mas todas elas eram insuficientes e repletas de incertezas. Essa aula coincidiu com a presença na escola da líder comunitária Graça - primeira idealizadora da revista em quadrinhos - que ia participar de uma reunião do Conselho de Segurança. Como os estudantes não conseguiam responder satisfatoriamente à pergunta foram buscar com pessoas que poderiam ajudar. Ao trabalhar com o "Dia Internacional das Mulheres", em março do mesmo ano, eles haviam entrevistado as mulheres "invisíveis" da escola, ou seja, as trabalhadoras da cantina, da limpeza, da secretaria, e monitoras de alguns projetos. Nessas entrevistas conheceram melhor essas mulheres, descobrindo, desde a época em que ingressaram na escola até o que a escola representava para elas. Vários estudantes se propuseram a ir atrás dessas senhoras em busca da resposta. Trouxeram duas que consideravam as mais vividas, além da Graça que foi "surpreendida" em reunião.

Neste ponto quem assumiu a fala foram as três interlocutoras: a Graça e as funcionárias da escola Isabel e Ilda, que relataram suas vivências. A "aula" ficou interessantíssima e novos questionamentos surgiam de todos os lados da arquibancada. Dos relatos dessas personagens, destacamos o comprometimento da líder comunitária Graça, seus sonhos e sua incansável luta pelos direitos da comunidade; o dilema de duplo pertencimento, comum em regiões de fronteira; o empenho para a construção do bairro, as mobilizações e ações políticas; a criação do conceito de "pessoa-livro", construído com os estudantes, para designar aquelas pessoas que possuem sabedoria e com as quais podemos aprender a história do bairro e a constatação de que a história do bairro Confisco é uma "História de Mulheres".

No bojo desse processo de construção de conhecimento - e, portanto, de ensino-aprendizagem - foi decidido conceder a cada mulher entrevistada o título de "pessoa-livro". A criação desse conceito foi construída com os estudantes, para designar aquelas pessoas que possuem sabedoria e com as quais podemos aprender a história do bairro. Quem melhor definiu esse conceito foi a estudante Rayanne, do sétimo ano:

É do tipo... a gente tá fazendo o trabalho da história do bairro. A gente quer saber mais coisas sobre o bairro, e pra isso tem as pessoas-livro; ao invés da gente ir em livro pra aprender, a gente pergunta as pessoas...<sup>4</sup>

Esse título fortalecia o sentido de fonte e de "lugar de memória" das narradoras daquela história, como que as tornando patrimônio vivo do bairro.

No desenvolvimento do projeto, foram utilizadas metodologias como a leitura do *Diário de Anne Frank*, a história oral, a pesquisa de opinião pública (entrevistas com moradores), a linguagem dos quadrinhos, e ainda as linguagens fotográficas e expográficas. A leitura do livro *Diário de Anne Frank*, já realizada pelos estudantes em outros momentos, foi proposta forma diferente. Foi distribuída para cada dupla de estudantes a leitura de algumas datas do diário. A tarefa consistia em sintetizar em um "quadro" de meia página o assunto ou os assuntos abordados por Anne naqueles dias. Assim os estudantes, além da leitura, acabavam exercitando as capacidades de interpretação, síntese e escrita.

---

4 Esta frase foi dita oralmente pela estudante em aula realizada no âmbito do projeto e registrada em nosso caderno de campo.



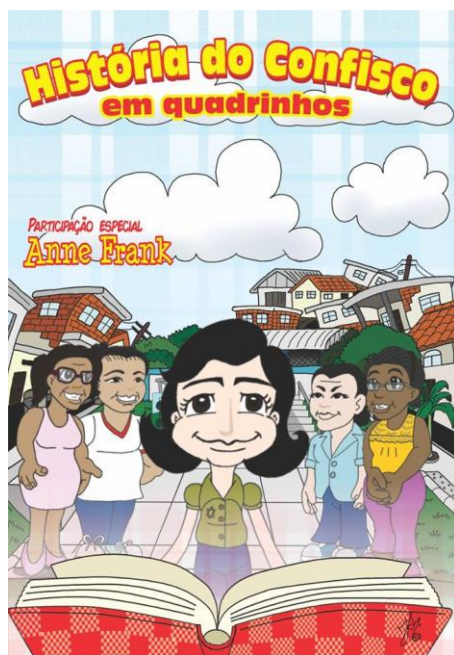
O próximo passo foi elaborar um formulário de entrevistas para se fazer com a comunidade. Ficou decidido que as perguntas deveriam procurar informar sobre o perfil dos entrevistados (com dados mínimos: nome, idade, profissão, escolaridade e endereço); sobre a relação de pertencimento (identidade) ao bairro Confisco; sobre a imagem que os moradores têm do lugar (bairro, favela, comunidade...); sobre a imagem que "os de fora" têm do bairro, e por último, a indicação de pessoas-livro, ou seja, de antigos moradores que seriam fontes para a história oral do bairro. Vale ressaltar que várias dessas perguntas vinham acompanhadas de um "Por quê?", a fim de justificar o posicionamento do entrevistado.

As entrevistas foram realizadas no horário das aulas, em três partes diferentes do bairro, visando maior pluralidade nas respostas. Essas entrevistas foram momentos de grande envolvimento dos estudantes. Sentiram-se à vontade por estarem em uma "aula ao ar livre", mas também por perceberem que a história, antes algo abstrato, distante nos livros; tornava-se agora palpável, imbricado no cotidiano. Talvez se sentissem construtores de outra história. A história encontrada na esquina de casa, das ruas das quais eles agora se apropriavam.

Nas aulas seguintes, agora em sala, foi o momento de fazer, coletivamente, a tabulação dos resultados. Após a apuração das respostas, os estudantes analisaram os dados elencados. Nesta tarefa, inicialmente tiveram dificuldades, depois foram se soltando e fizeram boas análises. Por vezes, discordavam das análises ou das justificativas dos entrevistados, o que gerava um bom debate e, às vezes, até acirramento dos ânimos. De forma sintética, foi concluído que a maioria dos moradores considera o lugar como sendo um bairro e não tem vergonha de morar no Confisco; a imagem que "os de fora" têm do bairro não é boa e que a grande responsável por isso é a mídia e que existem várias "pessoas-livro" capazes de contar a história do bairro.

Sendo assim, os estudantes fizeram uma triagem visando definir aquelas pessoas que seriam as fontes orais. A partir de então, a escola providenciou o contato e operacionalizou as entrevistas. Os estudantes atuaram como pesquisadores, entrevistadores, apropriando-se dessa produção e da coleta documental. Foram selecionadas dez moradoras que participaram da fundação do bairro: Dona Celeste, Dona Cuta, Dona Fátima, Dona Maura, Dona Zezé, Graça, Izabel, Luna, Rita e Vilma. Dessas moradoras – cujos depoimentos foram utilizados como fontes orais neste projeto - nove foram recebidas pelos estudantes em sala de aula, onde foram entrevistas. Apenas uma das entrevistas foi realizada na casa de uma das fundadoras do bairro.

Para elaborar a história em quadrinhos foram empreendidas ações voltadas para a formação dos estudantes, visando a familiarização dos estudantes com esse tipo de linguagem. Foram realizadas duas oficinas, que foram ministradas por dois quadrinistas: Luiz Felipe Garrocho e Rebeca Prado. O objetivo geral era que o grupo de estudantes participasse do planejamento, do roteiro, da criação das personagens e da construção narrativa.



Capa da HQ

Além da criação e lançamento da História em Quadrinhos, o projeto rendeu outro produto cultural: a exposição fotográfica "Confisco pelo Confisco". Essa ação não estava prevista e surgiu ao longo do projeto. Em uma das aulas ministradas por estudantes do curso de História da Universidade Federal de Minas Gerais veio à tona uma importante questão. Foram apresentadas aos estudantes algumas manchetes de jornais da época de fundação do bairro. Ao verem a forma como aquelas mídias se referiam ao bairro Confisco, ficaram indignados. Decidimos então que deveríamos sair pelo bairro para fotografar (registrar) o dia a dia, com o objetivo de mostrar que o bairro possui outra imagem, além daquela disseminada pelos jornais.

Para desenvolver esta ação, foi estabelecida uma parceria com o Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Imagem (NINFA/UFMG), composto por alunos da graduação e pós-graduação do curso de História da UFMG, que ministraram um Workshop sobre a história da fotografia e alguns conceitos básicos para se fotografar. Após a preparação e o treino durante o workshop, os estudantes saíram às ruas do bairro, acompanhados por monitores da escola e os alunos da UFMG para fotografar a comunidade. O resultado dessa ação foi a criação de um acervo de cerca de 700 fotos e a montagem de uma exposição intitulada "Confisco pelo Confisco", que é o olhar dos estudantes como contraponto à imagem-estereótipo vendida pela grande mídia. A exposição é um dos produtos do projeto. Sua definição conceitual abarca a história do bairro a partir da abordagem historiográfica que focaliza não a história oficial, mas sim a história do cotidiano, das pessoas, dos moradores do bairro, sujeitos históricos que sempre foram colocados à margem. A exposição foi montada na escola com a ajuda da Professora de Artes Luciana Sampaio e a comunidade pôde visitá-la.

## Conclusão

Por tudo isso, conclui-se que as/os estudantes, através do projeto "Entre o Diário e a HQ: estudantes construindo a história de um bairro", pela representação, pesquisa,

palavra, fizeram histórias e muitas há ainda por fazer, pois "Fazer a História é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado (Freire, 2005, p. 24)".

## Referências

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BARROS, José D'Assunção. O campo da História: Especialidades e abordagens. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BASTOS, Fábio da purificação. In: Dicionário Paulo Freire: Verbetes "Dizer a Palavra"; STECK, D., REDIN, E, ZITKOSKI, J. J. (orgs.). 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BOSI, Ecléa. Memória & sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Editor, 1979.

*Favela é isso aí!* Informativo da Associação de Moradores de Favelas de Belo Horizonte.

FRANK, Anne. O diário de Anne Frank: edição integral. 25ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. Tradução de Ivanir Alves Calado. 352 p.

STREEK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J.; (orgs). Dicionário Paulo Freire. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREIRE, Paulo. A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23ª ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção: Polêmicas do nosso tempo; 4)

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 22ª ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996

\_\_\_\_\_. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

História [de] bairros de Belo Horizonte: Regional Pampulha. ARREGUY, Cintia Aparecida Chagas. RIBEIRO, Raphael Rajão (Coordenadores). Belo Horizonte: APCB; ACAP/BH, 2008. Contendo linha do tempo e mapas.

MOREIRA, Luiz Guilherme Scaldaferrri .O ensino de História Regional nas escolas brasileiras. publicado em 29 de maio de 2017. <http://www.cafehistoria.com.br/historia-regional>. Último acesso em 30/06/2017.

Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. editores Ana Lúcia D'Império Lima et al., 3ª ed. São Paulo: Global, 2010.